Poliana Ribeiro Bretas

FORMAÇÃO DE ALUNOS? FORMAÇÃO DE ATLETAS? A VISÃO DE PROFESSORES SOBRE A PRÁTICA DO HANDEBOL FORA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2011

Poliana Ribeiro Bretas

FORMAÇÃO DE ALUNOS? FORMAÇÃO DE ATLETAS? A VISÃO DE PROFESSORES SOBRE A PRÁTICA DO HANDEBOL FORA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2011

RESUMO

Este trabalho, realizado numa parceria com o Programa de Educação Tutorial PET – Educação Física e Lazer tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre os temas esporte na escola fora do horário da Educação Física, formação dos sujeitos, grau de autonomia dos alunos-atletas e o papel do profissional nas equipes esportivas. A pesquisa, com abordagem qualitativa, envolve a obtenção de dados descritivos a partir da aplicação de questionários a seis professores de equipes de handebol feminino na faixa etária de 14 a 16 anos que participaram nos últimos 10 anos de alguma competição organizada pela Federação de Esportes Estudantis de Minas Gerais – FEEMG. Esse trabalho se caracterizou, então, como um estudo exploratório, pois buscou aproximar-se e obter uma nova percepção do fenômeno. A discussão teórica do trabalho contou principalmente com os estudos dos autores como Bourdieu (1983) que discute as condições históricas e sociais do fenômeno esportivo, Kunz (1994) que propõe uma transformação no ensino do esporte, Bracht (2000) que trata da necessidade de uma alfabetização esportiva, Mello (2003) apresenta questões do lazer e Rezer (2006) que defende a mudança dos sujeitos a partir de uma “nova cultura” do esporte na escola a partir da ressignificação pelos sujeitos participantes. Cabe destacar que o esporte ensinado aos jovens e crianças nas escolas não pode ser apenas uma adaptação do que é realizado no mundo esportivo adulto. Assim, para pensar na mudança dos alunos foi necessário conhecer e analisar a visão dos professores quanto às relações entre aluno-professor-conhecimento a fim de refletir como têm sido organizadas as equipes de handebol nas escolas a partir do entendimento dos professores. Pude perceber com este estudo que é preciso repensar as práticas das equipes esportivas escolares, porque elas podem auxiliar a escola na responsabilidade de formar e humanizar as relações dos alunos. Tornar essa prática menos instrumentalizada requer uma organização das equipes esportivas como extensão do projeto político pedagógico da Educação Física. Dessa forma, acredito ser pertinente a

preocupação e análise crítica dessa temática nas escolas como forma de enriquecimento para a Educação Física e os estudos que essa área abarca.

Palavras-chave: Handebol. Formação de alunos. Esporte.

Sumário

Introdução 6

I Compreendendo as relações que se estabelecem no ensino dos esportes na escola 10

II A pesquisa exploratória como recurso metodológico 17

III A percepção dos professores de handebol sobre as relações estabelecidas entre a prática, a escola e a educação dos sujeitos 19

IV Apêndice 36

V Referências 41

Introdução

A área de interesse deste estudo é o esporte praticado nas escolas, especificadamente aquele que acontece nas equipes de treinamento com o objetivo de competições escolares. A idéia desse tema acompanha todo meu percurso relacionado ao esporte, desde um olhar como atleta até uma análise de um estágio enquanto futura técnica de handebol e professora de Educação Física.

A iniciativa da realização deste trabalho aconteceu a partir da participação no Programa de Educação Tutorial – PET - Educação Física e Lazer na Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, desde 2008, o qual trabalha com os três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. O envolvimento no PET tem qualificado minha formação acadêmica e, com essa pesquisa, espero ampliar meus conhecimentos acerca do esporte praticado nos momentos fora da Educação Física.

Minha história com a Educação Física enquanto estudante no colégio foi marcada por muita participação nas aulas e nos eventos esportivos como as Olimpíadas Internas, momento auge do ano, repleto de muita euforia que permeava a inscrição em todas as modalidades, o juramento das olimpíadas, a abertura e desfile das equipes, os instantes de torcida organizada, a atuação nos jogos até o dia da premiação. Essa relação com os esportes culminou no gosto pelo handebol e na escolha, aos 12 anos, de fazer parte da equipe da escola. Após um ano de treinamento fui convidada pelo técnico a participar da equipe de um clube e desde então competi pelas duas instituições: o clube e a escola. De acordo com estudos existentes na área essa inserção no handebol se caracterizaria por um treinamento especializado precoce no esporte, já que se inicia antes da adolescência e se configura num processo de sessões de treino planejadas e organizadas com o objetivo de aumentar o rendimento para melhor atuação em competições. Alguns dos problemas desse esporte precoce são apontados nas pesquisas como a deficiência na formação escolar e os problemas de saúde física e psíquica. Mas, pessoalmente não constatei esses danos. Ao contrário disso, o esporte que pratiquei consistiu em uma prática de diálogo, a qual me possibilitou questionar, compreender e refletir acerca de

todos os aspectos que envolvem o treinamento: relação aluno-esporte, aluno-professor, aluno-adversário, aluno-colega, aluno-treino, aluno-jogo e aluno-sociedade. Além disso, esse esporte possibilitou a construção e o desenvolvimento de subjetividades críticas, tais como a colocação de opiniões, o encorajamento, a expressão de afetos e emoções e principalmente o estímulos a criação e resignificação dos movimentos no esporte. Perante essas diferenças existentes entre minha experiência e a literatura, comecei a pensar de que forma o esporte praticado fora dos horários de Educação Física é organizado nas escolas e como ele cumpre as responsabilidades sócio-educacionais a fim de compreender melhor esse fenômeno capaz de transformar os sujeitos.

Após entrar no curso de Educação Física várias discussões permearam o esporte escolar e aos poucos fui também recriando e modificando minhas idéias. Com uma postura diferente e concepções mais amadurecidas, participei ano passado de um Campeonato Mineiro Adulto de handebol por um clube, o qual recebeu uma atleta formada em outro contexto e infelizmente vivenciei atitudes e posturas as quais pude perceber comportamentos individualistas, os quais prejudicaram a equipe e foi o causador da derrota do jogo principal. A preocupação apenas com o que é importante para o bem próprio foi o que definiu a desclassificação da equipe e representou o reflexo da sociedade capitalista e individualista atual dentro do esporte. Isso sem dúvida foi um marco para eu refletir os diferentes tipos de formação para e pelo esporte que existem e pensar qual deve ser levado em consideração para minha formação enquanto professora de Educação Física.

Durante o ano passado, fiz estágio em uma escola particular como auxiliar técnica e como gestora esportiva. Nessa última função, organizei competições entre 28 escolas de Belo Horizonte e o maior aprendizado foi o de reconhecer alguns tipos de profissionais que eu não quero ser. Dentre eles tive contato com aqueles que incentivaram a violência nas quadras, os que permitiram alunos e pais desrespeitarem adversário ao torcer, os que desrespeitaram árbitros, entre outros comportamentos que negam o papel de educador dos técnicos. Nesse contexto, me coube aprender com o erro dos outros e questionar através desse estudo, o objetivo das escolas ao fornecerem os espaços de treinamento para os alunos. É formar atletas? É

oportunizar a prática esportiva? É formar indivíduos a partir do esporte? É descobrir talentos esportivos?

Além disso, percebi a necessidade de compreender melhor a relação que os professores estabelecem com o desenvolvimento da subjetividade dos sujeitos envolvidos na prática esportiva. É uma relação autoritária? É um trabalho apenas mecânico? Como o professor lida com a situação de competição escolar junto ao processo de formação dos sujeitos? Questões como essas me incomodam e pretendo buscar esclarecimento de como elas estão presentes na realidade para poder contribuir com a atuação dos futuros e presentes professores de Educação Física que trabalham nessa área. É possível, na formação de uma mesma equipe, um professor desenvolver destrezas e técnicas eficientes, permitir uma compreensão dos alunos dos diferentes papéis sociais do esporte e saber interpretarem as experiências dos alunos no processo de ensino do esporte? Como isso é possível?

Assim, este trabalho teve como objetivos conhecer e analisar o ponto de vista dos professores de handebol responsáveis pelas equipes, entre 14 a 16 anos, no que diz respeito às relações presentes no esporte praticado fora dos horários de Educação Física. Dentre as múltiplas questões presentes nesse esporte foram selecionadas algumas essenciais para a compreensão do mesmo, tais como: as concepções dos professores acerca do grau de autonomia dos alunos-atletas, a relação que o professor estabelece entre o esporte nas equipes e as práticas escolares, a existência ou não da preocupação com a formação humana nas rotinas de treinamento, os processos de seleção e especialização adotados pelos professores e a concepção do professor sobre a prática do handebol na escola como uma possibilidade de lazer.

A partir dessas questões levantadas, o estudo buscou aproximar e obter uma nova percepção do fenômeno, caracterizando, portanto, como um estudo exploratório. Com isso, o instrumento utilizado foi a aplicação de questionários aos professores de handebol que participaram nos últimos 10 anos de alguma competição organizada pela Federação Estudantil de Esportes de Minas Gerais – FEEMG.

No primeiro Capítulo será apresentado o diálogo que realizei com a literatura, a partir dos questionamentos que tinha sobre o ensino do esporte,

alguns aspectos históricos e as relações estabelecidas a partir do mesmo. No segundo Capítulo relato o percurso metodológico escolhido para o meu trabalho e, em seguida, no terceiro Capítulo, apresento a análise e a discussão dos questionários.

Capítulo I

Compreendendo as relações que se estabelecem no ensino dos esportes na escola

O tema esporte na escola tem sido pesquisado por diferentes autores e para maior aprofundamento do assunto o trabalho apresentará algumas perspectivas baseadas nos estudos dos seguintes autores: Pierre Bourdieu (1983), Eleonor Kunz (1994), Valter Bracht (2000), Victor Mello (2003) e Ricardo Rezer (2006).

O sociólogo francês Bourdieu (1983) propõe pensarmos em quais condições históricas e sociais o fenômeno esportivo se desenvolveu para ser interpretado pela sociedade como óbvio e natural. Os agentes vinculados ao esporte e as instituições são consideradas pelo autor como um campo, que possui "seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica".

Consultando as origens do esporte, o sociólogo encontra nos jogos populares jogados pela aristocracia o objeto de mudança de significados e funções, o qual se retirou dos momentos festivos e se organizou nas escolas. É nessa instituição que as regras fixas são incorporadas devido às relações que começam a estabelecer entre as diferentes escolas. Diferentemente da busca pelo vencer a qualquer preço o esporte nas escolas foi tido como uma escola de coragem, virilidade que incentivava a vontade de vencer e era também capaz de formar caráter.

Bourdieu (1983) caracteriza o campo das práticas esportivas como um local de lutas pela definição legítima da função da prática esportiva e do uso legítimo do corpo. Essa disputa acontece entre os inúmeros agentes que se relacionam com o esporte, ocorre dentro de um mesmo campo ou entre campos e é por isso que o autor caracteriza a autonomia do campo das práticas esportivas como sendo relativa, já que ela "depende, em grande parte das relações de força entre as frações de classe dominante e entre as classes sociais".

Entender todos esses aspectos que deram origem ao esporte é essencial para compreendermos melhor o esporte “moderno” que carrega até os dias de hoje as marcas da sua história. Dentre elas, o esporte para as classes populares foi e é visto como uma forma de ascensão econômica, ele se transformou e prevalece atualmente em muitos casos como apenas espetáculo esportivo, tornando o ser humano simples consumidor.

Kunz (1994) traz em seus estudos questionamentos acerca do indivíduo alienado e acrítico do esporte. O autor apresenta uma proposta transformadora da Educação Física Escolar a fim de romper com a lógica consumista, instrumentalista e padronizada dos movimentos. O esporte na visão do autor deve ser capaz de ensinar a autonomia e a interação social entre os sujeitos através de uma compreensão desse fenômeno que vai muito além da prática. Esse processo exige do aluno uma participação na vida social, cultural e esportiva de uma forma reflexiva. Estudiosos nesse assunto afirmam que para se alcançar a emancipação é necessária a auto-reflexão para que os alunos consigam entender o real sentido e significado que o esporte ou determinada prática esportiva possui[1].

A concepção crítico-emancipatória defendida por Kunz (1994), sugere em “tornar o fenômeno esportivo mais transparente”, o que implica em um processo de ensinar e aprender a partir de uma linguagem. Essa linguagem precisa problematizar o esporte para que o mesmo possa ser realmente entendido e transformado a partir de não apenas saber fazer, mas também saber pensar e saber agir. Enquanto realidade educacional percebe-se que desde a década de 80, quando o esporte foi criticado nas escolas, há uma necessidade de os professores buscarem a responsabilidade sócio-educacional do esporte escolar dentro e fora das aulas de Educação Física.

O autor ainda nos convida a pensar uma Educação Física ensinada na escola que “respeita a subjetividade crítica e as possibilidades dos sujeitos se pensarem como agentes e autores das suas próprias vidas.” As subjetividades dos indivíduos podem ser moldadas pela sociedade do consumo e quando isso acontece o esporte é influenciado a partir dos movimentos pré-estabelecidos e

[1] Kunz em sua produção estabelece um diálogo com os autores Bertold Brecht, Habermas, Mercuse, Adorno e Horkheimer a respeito da auto-reflexão que permite segundo os autores o esclarecimento e emancipação dos sujeitos.

padronizados. Conforme Kunz (1994) a relação do se-movimentar com a subjetividade humana é fundamentalmente uma questão de sensibilidade. O esporte voltado somente para os movimentos dos sujeitos e não para o aluno, não desenvolve essa sensibilidade na medida em que os desejos e as paixões dos mesmos são privadas. Assim, percebo a necessidade dos professores das equipes esportivas de ensinar o esporte além das suas técnicas e táticas, ou seja, ensinar aos alunos a questionar as práticas e relações que se estabelecem no esporte escolar para que não sejam reprodutores em miniatura do sistema esportivo.

Valter Bracht (2000) enfatiza em seus estudos o quanto a escola precisa de uma alfabetização esportiva que possibilite ao aluno uma "apropriação nos mais diferentes sentidos: aprender as técnicas esportivas, mas também, apreensão reflexiva dos conhecimentos que temos sobre a manifestação cultural" (p.20).

A obtenção de uma visão mais crítica do esporte acontecerá, segundo o autor, na medida em que o indivíduo relacione com a prática esportiva situando a mesma tanto historicamente quanto socialmente.

Buscando pensar isso no dia-a-dia do profissional de Educação Física, Rezer (2006) sugere elaborarmos maneiras de humanizar as relações entre o esporte e o ser humano, principalmente quando se trata de iniciação esportiva na escola. Uma mudança no processo de aprendizagem do esporte exige uma reavaliação da forma como percebemos o mundo e como lidamos com os seres humanos. No esporte de alto rendimento os sujeitos são tratados como peças, no esporte escolar muitas vezes são alvos de preparação para serem peças no futuro.

Conforme Rezer (2006) a tendência do esporte atual é uma especialização cada vez mais precoce a fim de alcançar recordes e resultados que correspondam as exigências da mídia e da sociedade moderna. Diante isso se torna cada dia mais importante a resignificação dos códigos que envolvem o mundo esportivo. O esporte ensinado aos jovens e crianças absolutamente não pode ser apenas uma adaptação do que é realizado no mundo esportivo adulto. Os espaços das escolinhas de esportes são sugeridos pelo autor como uma extensão do sistema escolar e não apenas como uma

reprodução do esporte manifestado no mundo moderno, o qual se constitui pela produtividade técnico-instrumental.

Nesse sentido, há uma sugestão do autor de aproximar esse esporte ao campo da Educação Física Escolar sendo uma oportunidade de percebê-lo como uma construção cultural, inserida em um contexto e dotada de sentidos e significados que podem ser ressignificados pelos sujeitos participantes. Rezer (2006, p.166) analisa todo o contexto atual do esporte, considerado “natural” por nós e sugere pensarmos na ruptura das relações construídas historicamente, a qual trabalha na lógica do homem-máquina.

Assim, ele espera a construção de uma “nova cultura” mais próxima dos tempos e espaços do contexto escolar e mais distante do esporte moderno. Cultura essa que iria privilegiar a ludicidade inerente ao próprio viver, situações de descoberta, de decisão e de construção. Além disso, as diferenças de rendimento entre os indivíduos seria tema de aula para os alunos entenderem e respeitarem as diversidades, ou seja, buscar a problematização do tema esporte e suas relações talvez seja um primeiro passo para a construção dessa “outra cultura”(REZER, 2006, p.170) . O autor também enfatiza um aspecto essencial para que haja mudanças no fenômeno esportivo: “acredito nas soluções construídas de dentro para fora, quando a transformação do mundo passa antes pela transformação dos seres” (REZER, 2006, P. 174).

Ao refletir sobre o papel do professor nas equipes esportivas, venho nesse estudo tentar compreender também qual é a visão dos professores das equipes de handebol sobre relação entre o tempo-espaço destinado à prática esportiva fora dos horários de Educação Física e o lazer. Alguns estudos indicam que, para entender o lazer, é necessário considerar a relação que o sujeito estabelece com o tempo livre, o trabalho, a atividade, o ócio, o interesse, a escolha do indivíduo. Todavia, quando o aluno assume o compromisso de representar as equipes esportivas, ele possui algumas obrigações como respeitar os horários de treino, comparecer aos jogos, treinar com roupa adequada, entre outros. Acredito que Isso não descaracteriza os treinos como possibilidades de lazer pois, de acordo com Mello (2003), há compromisso no lazer, por exemplo, “quando você vai ao cinema, deve respeitar o horário da sessão” (p.31).

Entretanto, vale considerar que algumas intervenções pedagógicas no esporte contrapõem esse princípio, ao fazer dos treinamentos espaços de predomínio excessivo da disciplina e da ordem impostas pelos professores. Outro fator importante é a relação entre tempo, indivíduos e atividades de lazer. Alguns autores se distinguem quanto a isso, ao utilizar termos como “tempo conquistado”, “tempo disponível” e “tempo livre”. Dumazedier, citado por Gomes (2004, p.121), formulou algumas proposições teóricas sobre o lazer, dentre elas, ressalto o caráter liberatório e hedonístico. O caráter liberatório do lazer é caracterizado pela “liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, socioespirituais e sociopolíticas)”. Assim, a prática esportiva pode ser considerada um lazer, pois é realizada no tempo livre das obrigações escolares dos alunos, ou seja, é uma atividade "extracurricular". Na outra proposição, o autor ressalta que “busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer”. Isso é confirmado nos estudos de Mello (2003), como um princípio do lazer, e traz elementos para pensar que muitos alunos buscam nas equipes esportivas o prazer por jogar, treinar e participar daquele grupo.

Assim, tratar o esporte nas equipes esportivas como possibilidade de lazer pode auxiliar na transformação dos códigos que os mesmos têm apresentado nas escolas. Mello (2003, p. 32) ressalta que os indivíduos não buscam as atividades culturais - no caso o esporte - objetivando o desenvolvimento pessoal ou a educação, mas o profissional “deve aproveitar a ocasião para educar seu público”. Outros estudos apontam a educação como princípio primordial do lazer, objetivando transformação no plano cultural dos praticantes. É Marcellino (1995) que nos convida a pensar no duplo aspecto educativo do lazer, ou seja, tratá-lo como objeto e veículo para possibilitar enriquecimento crítico na prática ou na observação. A educação pelo lazer tem como objetivo a busca pelo desenvolvimento cultural a partir de uma “educação permanente”, ou seja, realizada pelo “lazer, vida em família, participação social, vida profissional e outros aspectos da existência humana...” (GADOTTI citado por MARCELLINO, 1995, p. 66). A educação para o lazer tem como principal função o aprendizado para uso do tempo livre, de forma crítica e não alienada.

Então, penso que a educação poderia ser o principal objetivo das equipes esportivas quando os professores buscarem transformar esse

fenômeno, reinventá-lo com os sujeitos e apropriá-lo de outras maneiras. Ao ser considerado uma possibilidade de lazer, o professor poderia utilizar dos treinamentos para educar os alunos para o lazer e através dele. Assim, espera-se que os alunos possam aprender a usar o tempo livre e que possam a partir das experiências nas equipes esportivas, construir e conhecer novas atividades, ampliando as opções de lazer.

Existe ainda um outro ponto a ser considerado: a regularidade necessária a uma participação em equipe esportiva escolar pode ser um fator que não permitiria caracterizar tal prática, como prática de lazer. Trata-se de um aspecto enfatizado por alguns autores que parece-me, não deveria ser tomado isoladamente. Porém, outros teóricos preferem afirmar que a relação que os sujeitos estabelecem com a atividade é algo mais relevante do que o destaque na exigência de regularidade. A falta de um acordo teórico nos instiga, ainda mais, a saber o que os sujeitos envolvidos pensam a respeito.

Ao pensar na mudança dos sujeitos a partir do esporte temos que refletir sobre o professor e sua relação com os alunos, na medida em que a função de estimular o conhecimento, o reconhecimento e a problematização dos sentidos e significados da prática torna-se essencial nesse processo. Possibilitar que os indivíduos sejam autores da suas formações requer do professor de Educação Física bastante atenção na relação aluno-professor-conhecimento. Dentre elas é a percepção do aluno enquanto um sujeito que traz consigo uma história e uma visão da realidade que deve ser respeitada e levada em consideração durante o processo de ensino-aprendizado dos esportes.

Essa maneira de ver o outro permite, dentro das equipes, uma construção do sujeito durante a prática esportiva. Quando isso acontece, a prática pode fazer parte do seu cotidiano, conferindo-lhe um sentido e uma importância significativa.

A partir dessas reflexões proponho questionarmos um pouco a realidade dos esportes praticado fora dos horários da Educação Física para compreender de que forma esses aspectos apontados acima estão presentes nesses espaços de formação. Os professores de equipes esportivas possibilitam aos alunos o desenvolvimento da autonomia, da cidadania e da emancipação humana ou apenas impõe uma instrumentalização técnica? No que se refere à

descoberta, decisão e construção dentro do esporte, o que tem acontecido nas escolas? Tais questões orientaram este estudo.

Capítulo II

A pesquisa exploratória como recurso metodológico

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, o qual envolve a obtenção de dados descritivos para se retratar a perspectiva dos participantes. Com o objetivo de analisar alguns questionamentos presentes neste estudo, foi de extrema relevância conhecer como os professores encaram as questões do handebol praticado fora das aulas de Educação Física. Tal caminho metodológico se confirma nos estudos de Ludke e André (1996) quando afirmam que na pesquisa qualitativa "O "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador". (p.12).

No porcesso de definição dos sujeitos escolhi a Federação de Esportes Estudantis de Minas Gerais – FEEMG como referência no esporte escolar pela grande importância e trabalho que realiza desde o seu início em 2000, apresentando atualmente 49 instituições filiadas. Foi realizada uma visita à FEEMG para conhecer as escolas mais freqüentes em competições organizadas pela federação durante os 10 anos. Assim, diante deste universo, percebi a necessidade de ir ao encontro dos profissionais dessa área para obter registros, análises e uma correlação das questões levantadas nesse estudo.

Conforme Mattos; Júnior e Blecher (2008) esse trabalho se caracterizou, então, como um estudo exploratório, pois buscou aproximar-se e obter uma nova percepção do fenômeno. Piovesan e Temporini (1994, p.321) em seus estudos confirmam essa idéia ao afirmar que a pesquisa exploratória "tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere". Na busca de conhecer a realidade de forma verdadeira, o estudo exploratório necessita que o pesquisador conheça previamente o público e o contexto em que estão inseridos para antecipar as possíveis respostas do público alvo. Isso contribui na elaboração de um instrumento de medida capaz de relatar com precisão as melhores respostas.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que enquanto realizei este estudo, fiz estágio de gestão esportiva em uma escola particular que possui 32 equipes. Minhas experiências nesse cotidiano escolar em conjunto com as

leituras e reflexões realizadas no capítulo anterior permitiram “um melhor conhecimento do Universo de Respostas”, proposto por Piovesan e Temporini (1994, p.321) para alcançar respostas mais adequadas e convenientes para a pesquisa. Esses aspectos auxiliaram na elaboração de um questionário aberto, o qual foi aplicado aos professores de handebol. Esse instrumento foi escolhido porque proporcionou respostas mais refletidas em razão do tempo para responder e da menor pressão para resposta imediata (MATTOS; JÚNIOR; BLECHER 2008).

Após a visita na FEEMG busquei estabelecer contato entre todos os professores responsáveis por equipes de handebol entre 14 e 16 anos para participarem deste estudo. No primeiro contato com as escolas, foi encontrada dificuldade de obter o telefone ou e-mail dos professores responsáveis pelas equipes e, no caso das escolas públicas, até o nome do professor foi difícil de obter. Após várias tentativas foi realizado o contato com 15 professores dentre as 29 escolas levantadas na FEEMG. Com estes 15 sujeitos, foi realizado o contato por telefone e a maioria solicitou que enviasse o questionário por e-mail. Após vinte dias, encaminhei outro e-mail explicando os prazos da minha pesquisa e solicitando novamente as respostas dos questionários.

Percebi que a pequena contribuição dos professores que estão nas escolas poderia dificultar a realização do que foi previsto inicialmente no projeto. Depois de mais uma tentativa, recebi 06 devoluções. Este número, que representa 40% do previsto inicialmente, acabou por conferir a esta pesquisa, uma característica tipicamente exploratória: com um o mapeamento das barreiras existentes no estudo com equipes escolares esportivas e com um exercício de aprofundamento no processo de elaboração de questionários. A identidade dos professores, bem como das escolas foram preservadas neste estudo.

Assim sendo, no próximo capítulo apresento as reflexões acerca das principais questões levantadas pelos seis professores que responderam o questionário, sendo cinco de escolas particulares e um da escola pública. Mesmo sabendo que nenhuma generalização será possível a partir deste universo de respondentes, apostamos nas pistas e indícios que os mesmos nos ofereceram sobre o assunto em questão.

CAPÍTULO III

A percepção dos professores de handebol sobre as relações estabelecidas entre a prática, a escola e a educação dos sujeitos

Para análise dos questionários foram criadas categorias de acordo com os objetivos do estudo a fim de alcançar um conhecimento mais completo e adequado da realidade. Optei por apresentar o ponto de vista dos professores e, em algumas situações, preferi transcrever alguns trechos dos questionários. As categorias foram divididas em: 1) a presença das equipes esportivas nas escolas, 2) a relação entre a equipe esportiva e as aulas de educação física, 3) o entendimento sobre formação humana e sua importância na equipe de handebol, 4) os processos de seleção nas equipes de handebol, 5) a especialização 6) a relação entre o lazer e a prática do handebol e 7) o entendimento sobre a construção da autonomia dos alunos.

De modo a preservar a identidade dos professores, cada respondente ao questionário recebeu numeração de um a seis.

Perfil dos Professores

No questionário solicitei que os sujeitos informassem alguns aspectos sobre a trajetória acadêmica. Quanto a isso, o ano de formatura dos professores de Educação Física variou de 2002 a 2008, sendo a maioria formado em Licenciatura. Metade deles estudou na Universidade Federal de Minas Gerais e outra metade em faculdades particulares. Apenas dois professores possuem outra formação acadêmica, sendo um deles uma Pós Graduação em Treinamento Esportivo e Fisiologia do Exercício e o outro uma graduação em Engenharia Química.

Também perguntei sobre a atuação na Educação Básica e constatei que a maioria já trabalhou ou trabalha na Educação Física Escolar, entretanto apenas um sujeito descreveu sua atuação:

> Nossa escola não apresenta um espaço apropriado para as práticas esportivas, assim as aulas são lecionadas no pátio ou na rua em frente à escola. A falta de material também prejudica um pouco as aulas. Mas mesmo assim, conseguimos dentro do possível,

> desenvolver atividades que proporcione aos alunos o desenvolvimento motor e as condições necessárias para identificar e vivenciar várias modalidades esportivas (Professor 6).

Neste relato pude perceber uma restrição nas funções da Educação Física Escolar voltada apenas para o ensino dos esportes. Essa visão reducionista de Educação Física contrapõe ao que eu acredito para o ensino do esporte na escola. Tafarrel (2009, p.91) expressa em seus estudos pontos convergentes ao que penso, ao afirmar que

> O que se busca é um esporte que sai da condição de conteúdo prioritário ou exclusivo da organização das aulas, para ser tratado no âmbito de um programa que contempla o amplo acervo de conteúdos ou temas da cultura corporal, sem hierarquia. Um esporte que foge da ditadura dos gestos, modelos e regras, que tem suas normas questionadas e é adaptado à realidade social e cultural dos alunos.

Quanto à trajetória com o handebol, o tempo de atuação nas equipes esportivas foi bastante significativo, variando de seis a quinze anos. Ressalto ainda que alguns deles foram atletas e gostavam muito da modalidade, o que interferiu consideravelmente na busca por esse campo de atuação. Outro ponto importante verificado foi a inserção desses profissionais nas equipes esportivas, a partir de estágios realizados com outros professores de handebol. Parece-me que o estágio tem sido o principal meio para alcançar o trabalho nas equipes esportivas das escolas. Dentre a realidade dos trabalhos dos sujeitos, encontrei uma considerável diferença entre a escola pública e as particulares, pois o professor da escola pública desenvolve trabalho voluntário com a equipe esportiva, situação oposta às condições oferecidas pelas escolas particulares. Essa falta de incentivo e apoio ao esporte nas equipes esportivas nas escolas públicas pode ser considerada como um forte indicativo do número reduzido de escolas públicas participantes de competições de acordo com levantamento que realizei na FEEMG (anexo1).

A presença das equipes esportivas nas escolas

Além de relatar as formações e inserções nas equipes esportivas, os sujeitos também mencionaram o ponto de vista a respeito da presença das equipes esportivas nas escolas. Dois professores um da escola particular e o

outro da escola pública enfatizaram uma insatisfação quanto às condições desse campo de atuação que é representado nos seguintes depoimentos: o professor da escola particular disse que "ainda falta melhorar estrutura física (também para a educação física escolar), bem como remuneração e capacitação de profissionais (Professor 1)" e o professor da escola pública confirmou tais argumentos, ampliando-os:

> Em todos os anos de participação no handebol, pude observar que a cada ano vem diminuindo a participação das escolas públicas nos eventos escolares. Pois o custo para os campeonatos ficam alto, limitando a participação das escolas públicas. Com isso, percebi que essa área de trabalho ainda possui dificuldades e barreiras para se consolidar e se organizar igualmente entre as escolas particulares e públicas (Professor 6).

Por outro lado, percebi uma distinção nas opiniões de alguns professores a respeito do objetivo das equipes esportivas na escola. Enquanto um professor apontou que falar de equipe esportiva é falar de rendimento na escola, pois na maioria das vezes o objetivo é a "representação dos colégios em campeonatos e torneios e a prática é muito mais orientada para as questões técnicas e táticas das modalidades", outro afirmou que nas equipes esportivas

> Os alunos têm a oportunidade de experimentar situações novas, acesso a uma prática de atividade física saudável, formar boas e novas amizades e participar de momentos agradáveis e felizes (Professor 4).

Essa divergência de opiniões retrata duas maneiras de compreender a prática do handebol nas equipes esportivas, que podem se expressar em formas distintas de ensinar essa modalidade. Com esses relatos, pude perceber que enquanto um professor trabalha com ênfase no conteúdo a ser ensinado o outro dá ênfase no sujeito participante e suas relações com a atividade. Dentre as respostas, apenas um professor relatou entender a presença das equipes esportivas nas escolas como um espaço de formação ampliada dos alunos. Entretanto, este mesmo professor ressaltou que as equipes também possuem o papel de serem propagandas para a escola e serem meio de alcançar fidelização dos alunos. Resta comentar que como na

literatura sobre o tema, não há similaridade de opiniões a respeito dos objetivos das equipes esportivas escolares.

No debate sobre as diferentes formas de organização do esporte na escola, três professores apontaram as escolinhas de esportes como fundamentais no processo de iniciação esportiva. Esse ponto foi reconhecido por dois desses professores, mas ambos relataram não terem essa organização na escola em que trabalham. Parece-me que a ausência das escolinhas ocorre pela dificuldade de encontrar espaços, horários e condições para a organização dessa esfera do esporte para além das equipes esportivas. Os argumentos indicam que não há uma forma homogênea de organização dos esportes nos horários fora das aulas de Educação Física.

A relação entre a equipe esportiva e as aulas de Educação Física

Na análise das respostas sobre a relação entre equipes esportivas e as aulas de Educação Física, considerei dois eixos: pontos de distanciamentos e pontos de aproximações apresentados pelos professores. Quanto aos distanciamentos alguns professores apontaram que isso ocorre na medida em que a Educação Física não contribui para o ensino básico do handebol e dos esportes. Isso é verificado no relato do Professor 5 quando afirma que “Os alunos reclamam com os professores quando o tema da aula é handebol, não conseguem passar o básico desse esporte”. Também nos argumentos do Professor 6: “Teoricamente a Educação Física deveria oferecer uma base ao aluno para conseguir identificar e praticar os esportes, entretanto cada vez menos essa vivência é oferecida aos educandos.” Assim, pude perceber que esses professores compreendem a importância da Educação Física em relação as equipes esportivas apenas como um espaço de auxílio para o ensino de fundamentos básicos do esporte.

Essa visão não leva em consideração pontos que acredito serem essenciais para o ensino do esporte propostos por Kunz (1994), quando o mesmo afirma que o professor deve desenvolver competências objetivas, que se constituem do ensino das técnicas e das táticas do esporte, mas enfatiza também a necessidade do ensino das competências social e comunicativa. Enquanto a competência social se caracteriza pela compreensão dos

diferentes papéis sociais existentes no esporte, a comunicativa representa o desenvolvimento da interpretação das experiências a partir da linguagem verbal dos alunos. Ou seja, acredito que os professores da Educação Física e os das equipes esportivas poderiam alterar suas práticas a partir da compreensão de um conceito mais amplo sobre o esporte, que possibilitasse ao aluno se colocar diante do outro que não sabe tanto quanto ele, que ele pudesse visualizar todos os componentes sociais que influenciam o esporte e conseguisse também questionar o sentido da prática, avaliando-a.

Com isso, penso que tanto o ensino do esporte na equipe quanto na Educação Física poderiam se complementar e dialogar para qualificar o ensino os esportes dentro da escola. Talvez os dois professores acima citados não tenham percebido outras dimensões educativas proporcionadas pelas aulas de Educação Física, na medida, em que focaram suas análises na aprendizagem dos fundamentos técnicos do esporte.

As aproximações apresentaram pontos diferenciados. Um professor identificou a aproximação ao perceber que a Educação Física se preocupa com o ensino das técnicas e táticas, outros dois afirmaram que há uma aproximação uma vez que os valores, princípios e aprendizados ensinados aos atletas são repassados nas aulas de Educação Física. Apenas um professor relatou que realiza eventos e atividades conjuntas com a Educação Física.

Diante disso, vale notar que a maioria das equipes esportivas presentes nesse estudo, ainda não conseguem se organizar como extensão do projeto político pedagógico da Educação Física e se expressam como um segmentado fragmentado. Rezer (2006, p. 159) confirma essa idéia em seus estudos com as escolinhas, ao apontar a necessidade de aproximar a iniciação esportiva com

> “as organizações, tempos e espaços da escola, em que as aulas das escolinhas possam ser percebidas como uma extensão do sistema escolar, e não como se manifesta no mundo moderno, como extensão do sistema esportivo, cujos espaços acabam sendo constituídos pela produtividade técnico-instrumental.”

O entendimento sobre formação humana e sua importância na equipe de handebol

Ao abordar essa temática, a prioridade dos professores com a formação humana esteve presente em todas as respostas. Do ponto de vista de alguns professores, as exemplificações de como acontece isso durante os treinamentos foram bastante próximas. Isso pode ser verificado nas falas que sinalizam a preocupação com a formação de alguns valores, como: “Pauto meu trabalho na competição, mas mostrando às atletas o limite de cada uma, o saber valorizar, quando enfrentamos um adversário mais qualificado técnico–taticamente, respeitar todos os adversários, torcida, etc.” (Professor 1). Isso também é confirmado na resposta do Professor 5 que relatou que a formação humana está presente nos treinamentos quando o atleta aprende a ter disciplina e chegar na hora certa, aprende a respeitar as diferenças, o colega, o professor, os pais e quando ele aprende a ter limites. Os dois depoimentos seguintes resumem muito bem a idéia de formação da maioria dos professores, pautada pelo ensino de alguns valores:

> Eu tive um exemplo de professor que nos ensinava a respeitar as pessoas, os adversários, os mais velhos, nos dava exemplo de cidadania, como nos comportar em outras cidades, estados, países, respeitando as outras culturas. O Prof. Ataíde foi e ainda é um exemplo de pessoa para qualquer um, e nos passava que ser honesto era bom, ser camarada também, que devemos fazer amigos e não o contrário. E o que eu aprendi com ele e todos os outros técnicos no qual eu tive a sorte de encontrar durante a minha carreira de jogador, eu tento transmitir para todos os meus atletas.(xxx)
>
> Antes de ser um técnico/treinador sou um professor!!!![...] questões como formação, hábitos saudáveis, autonomia, autoconfiança, comprometimento, cooperação, dedicação, companheirismo, responsabilidade, socialização, liderança, pró-atividade, entre outras são muito mais importantes que apenas o rendimento atlético e a capacidade de jogo dos alunos/atletas(Professor 3).

Encontrei nessas respostas, argumentos que se aproximam do entendimento do esporte como instrumento de formação de princípios importantes para a educação dos alunos. Considero essencial a preocupação dos professores nesse sentido, contudo, não encontrei qualquer indício de que é possível nos treinamentos os alunos questionarem, compreenderem,

refletirem e reconstruírem as maneiras de aprender e jogar o handebol, bem como os princípios que orientam o convívio nessa prática.

Para além dos valores, dois professores enfatizaram que priorizam na formação humana dos alunos a discussão e cobrança das notas dos mesmos. Nessa perspectiva o rendimento escolar é acompanhado pelos professores, e para o Professor 6 para participar da equipe o aluno terá que ter bom rendimento escolar e

> Caso o aluno esteja com dificuldades com alguma matéria, ele deverá comunicar a mim, onde ele será encaminhado para o grupo de estudos nos horários dos treinos. No período dos boletins os atletas são obrigados a me mostrar. Hoje temos vários alunos que já formaram o ensino médio e continuam treinando handebol, trabalhando e estão curando o superior, pois acredito que o melhor caminho para a formação humana é o conhecimento.

Concordo com essa afirmação, entretanto penso que o conceito de conhecimento ultrapassa os saberes escolares presentes no currículo obrigatório dos alunos. Provocada por Bondía (2002) penso que o saber se dá pela experiência, que é diferente do saber adquirido pela informação sobre determinadas coisas: “o saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana" (idem, p.26). O autor também enfatiza que a informação não é experiência, pois, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (idem, p.21).” Logo, acredito que a nota, reconhecida pelo professor 6 como conhecimento, não deveria ser o único parâmetro para dizer que a prioridade está na formação dos alunos, pois a formação dos mesmos também se dá pela experiência e pela relação que os sujeitos estabelecem com as atividades que realizam.

Percebo que é necessário uma reflexão por parte dos professores sobre a relação que os alunos estabelecem com o treinamento de handebol. Estão ali apenas sendo instrumentalizados para realizarem uma tarefa ou estão tendo a oportunidade de ter experiências transformadoras e significativas? Pensar a formação humana implica um trabalho que proporcione situações de descoberta, de decisão e construção pelos alunos, conforme propõe Rezer (2006).

Os processos de seleção nas equipes de handebol

Nos questionários foi recorrente a insatisfação com os processos de seleção nas equipes de handebol, que na maioria das vezes, ocorre devido ao grande número de alunos que procuram a modalidade e à incapacidade estrutural da escola para manter essas equipes. Das seis escolas, metade realiza esse processo e trabalha com os alunos através do diálogo sobre o real motivo por não passaram no teste. Contudo, dentre as três, duas escolas não explicitaram os critérios de seleção e apenas uma afirmou utilizar o rendimento escolar como instrumento de avaliação. Alguns argumentos apresentados nas respostas se distinguiram na medida em que um deles deixou a seguinte pergunta: “não acontece algo parecido ou até pior em outros momentos, como uma reprovação de série, o vestibular, concursos diversos, de arte, etc ?” (Professor 1). O outro apresentou uma reflexão que enfrenta o dilema da exclusão presente nas seleções:

> Como professor de educação física acho um absurdo eu chegar para uma criança de 10 ou 11 anos e falar que ela não tem condição de participar da equipe, já que QUALQUER criança pode aprender a jogar a modalidade desde que seja estimulada de maneira adequada (freqüência de treinamentos, carga horária total, planejamento, sistematização e seqüenciamento dos conteúdos, momentos de competição sem pressões de rendimentos, etc.) (Professor 3).

O primeiro argumento me faz questionar até quando os professores irão justificar suas atitudes com base na naturalização dos fatos sociais. Será que não podemos pensar o que é melhor para os nossos alunos, ao invés de tentar reproduzir o modelo de exclusão e seleção que o mundo moderno já nos oferece? Essa questão é confirmada nos estudos de Rezer (2006, p. 166) quando o mesmo afirma que “[...] podemos corrigir os rumos, processos e relações que não parecem ser tão importantes ao ser humano [...].” Essa maneira de perceber as coisas cristalizadas pode impedir os professores de perceberem o fenômeno esportivo, bem como as relações que estabelecem nele, como uma construção histórica e social, podendo, portanto ser modificados e moldados de acordo com o processo cultural e não natural da humanidade.

Já o segundo professor apresenta uma visão diferenciada sobre o processo seletivo, pois não percebe o mesmo como “caça talentos” que tem objetivo de selecionar os alunos mais úteis para a equipe conforme os padrões do hierárquicos impostos sobre o ser humano. Na fala dele, as equipes esportivas precisariam oportunizar todos os alunos a conhecer e aprender o handebol independente das habilidades, ou seja, reconhece a equipe como mais um espaço na escola capaz de auxiliar no desenvolvimento do ser humano, portanto, deveria ser um espaço inclusivo. Nessa perspectiva concordo com Rezer (2006, p. 171) quando ele afirma que “o talento não se encontra previamente configurado em homens privilegiados, mas seu desenvolvimento depende do desafio a que cada um é submetido”.

A especialização

Quando questionei sobre os processos de especialização nas equipes esportivas, cinco professores confirmaram identificar a presença da especialização no esporte escolar. Dos cinco, apenas um apontou que existe na sua equipe e que esse processo é caracterizado pela escolha do aluno de jogar em uma posição específica. O professor 5 confessou ter dificuldade em trabalhar com esse aspecto, pois os alunos ao perceberem que rendem mais em algumas posições escolhem as mesmas durante os treinamentos. O professor 3, afirmou que identifica alguns indícios desse processo, quando se depara com

> Ao longo destes 14 anos ligados ao esporte escolar vi várias equipes onde este tipo de prática despontava. Grupos onde, apesar de padrões de execução de gestos técnicos muito parecidos aos da grande maioria das outras equipes, realizavam ações técnicas e táticas que seriam adequadas a crianças mais velhas ou algumas atletas por só jogarem em uma mesma posição e, não posso afirmar com certeza, com indícios de um treinamento analítico em determinadas técnicas, apresentavam um padrão de movimento muito superior à da média das alunas de outras equipes. Tento apenas, seguir meu planejamento pensando no aprendizado da minha aluna ao longo de aproximadamente seis anos de treinamento, que é em média o tempo que cada aluna irá treinar se ela entrar na categoria mirim e sair apenas ao final do ensino médio.
>
> .

A aprendizagem precoce de técnicas e táticas dos atletas parece nos evidenciar uma reprodução do contexto esportivo de alto rendimento que é, conforme Rezer (2006, p.152) “sem dúvida ancorado pelo padrão de produtividade, alicerçado pelo binômio custo/benefício”. O autor critica as características de homem-máquina as quais os atletas na iniciação esportiva são exigidos muitas vezes a possuírem. São elas: “competência técnica, durabilidade e subserviência, obedecendo aos princípios básicos dos produtos desenvolvidos em linhas de produção industrial" (REZER, 2006, p. 152). Nesse sentido o autor nos faz concluir que o esporte tem percorrido uma trajetória voltada para o saber-fazer, tendo como principal objetivo alcançar o máximo de rendimento pelo mínimo de desgaste.

Pude constatar na opinião do professor 2 um argumento diferente do professor 3 , mas na mesma lógica. O professor 2 justificou a presença da especialização nas equipes esportivas “por causa da pressão por resultados e talvez o desejo de alguns profissionais em sagrar-se campeão a todo custo”. Com uma resposta parecida, o professor 6 afirmou que “cada vez mais precoce vem ocorrendo as especializações. Para alguns lugares só importa uma palavra: VENCER”. Os três professores me fazem pensar que o principal motivo para essa busca do máximo rendimento pode ser a exagerada importância dada aos resultados e, consequentemente, a pequena valorização no processo de aprendizagem e formação dos alunos. Em relação à hipervalorização dos resultados e a possível dificuldade de identificar a educação no processo de iniciação esportiva, Larécio (1994) citado por Walter Bacht (2009, p. 22) ajuda a constatar isso no seguinte texto ilustrativo:

> Inusitado diálogo...
>
> - Os jogos escolares servem para a fraternidade! Para a socialização dos participantes! Para a prática salutar das atividades gimnoesportivas! Para a *educação*, enfim...
>
> - Seu diretor na sua escola participa dos Jogos Escolares?
>
> - Claro! Somos uma instituição educacional.
>
> - E quais foram os *resultados educacionais* da participação do seu colégio?
>
> - Duas medalhas de ouro, cinco de prata, três terceiros lugares, e o nosso time de basquete tava *massacrando* o *inimigo* quando foi desclassificado por um juíz ladrão.
>
> - AH!!!

A apresentação dos resultados educacionais pelo diretor não nos surpreende muito, visto que no presente estudo alguns argumentos, trazem pistas convergentes para a realidade retratada nesse diálogo. Se isso apresenta como uma espécie de meta dos professores, não podemos perder de vista que muitas escolas já alimentam e esperam do profissional os melhores lugares nas competições escolares. Em outra resposta, o professor afirma não realizar um trabalho precoce, mas demonstra uma justificativa baseada também no rendimento. Ele afirma então que não tem especialização na sua equipe porque as atletas realizam outras atividades físicas sistematizadas, participam de outras equipes e, portanto apresentam um rendimento melhor. Parece-me que é pelo bom desempenho das alunas é que não ocorre a especialização, caso contrário, talvez isso ocoresse.

As outras respostas se mostraram bem diferentes. Apenas dois professores relataram realizar um trabalho planejado e organizado sistematicamente de acordo com o grupo, respeitando a individualidade de cada atleta. Um professor apontou que o seu trabalho não é precoce, pois, o seu o objetivo é o que os alunos buscam na prática, não se baseando na busca dos resultados.

Percebi nessa questão que não há uma concordância quanto ao conceito de especialização por parte dos professores nas equipes esportivas, ou seja, cada um compreende e avalia isso de uma maneira distinta. Rezer (2006, p. 156) ajuda a conceituar a especialização precoce, ao afirmar que se constitui como um processo em que as “crianças são submetidas a duras cargas de treinamento, sob o pretexto de se tornarem atletas mais competentes, duráveis e obedientes”. Suponho que talvez o processo de especialização esteja então mais presente nas equipes escolares do que se imagina.

A relação entre o lazer e a prática do handebol

Todos os professores responderam que percebem os treinamentos de handebol como uma opção de lazer para os praticantes, entretanto a compreensão sobre este fenômeno social foi distinta e baseou nos seguintes princípios: prazer, diversão, socialização e gosto pela atividade.

Quanto ao prazer pela atividade o professor 1 evidenciou isso ao afirmar que

> Por diversas vezes, em conversa com o grupo, consigo perceber que a prática de handebol está, para elas, no mesmo patamar de importância e prazer do que uma ida ao cinema, uma festa de 15 anos, etc.

A diversão e o gosto pela prática do handebol estiveram presentes como parâmetro para dizer que os treinamentos podem se caracterizar como uma atividade de lazer na visão de três professores. O professor 2 enfatizou o aspecto da diversão quando disse "ele pode proporcionar lazer, diversão, entretenimento e muito mais, depende do profissional". Já os professores 3 e 5 justificaram suas respostas tanto pela diversão quanto pelo gosto da atividade. O professor 3 relatou que "dentro do treinamento da equipe também acho que existam momentos de lazer, já que os alunos praticam uma modalidade que gostam e se divertem com sua prática". E o professor 5 anunciou que " os alunos/atletas demonstram gostar das aulas, fazer o que gosta é um sinal de lazer. Sempre proporciono atividades recreativas". Parece-me que o fato dos alunos gostarem e se divertirem são importantes para metade dos professores conceituarem seus treinos como momentos de lazer. Além desse princípio, a socialização também foi comentada por três professores. O professor 3 confirma isso ao testemunhar que " acredito que a participação nas equipes esportivas leva a uma maior socialização do aluno proporcionando um número maior de oportunidades de lazer". Isso é mais explicitado pelo professor 4, ao afirmar que muitos alunos entram na equipe para participar de uma atividade com um amigo ou turma de colegas. No argumento do professor 6 pude concluir isso de uma forma mais ampla, na seguinte resposta:

> [...] o atleta tem oportunidade de conhecer outras escolas e alunos, viajar, ter amigos e até se aproximar mais dos pais, pois quando temos jogos próximos sempre mandamos convites para que os pais participem da vida do seu filho.

Diante dessas respostas pude identificar que o caráter liberatório e hedonístico propostos por Dumazedier (1979) citado por Gomes (2004),

estiveram presentes no conceito dos professores. Entretanto, sabe-se que o lazer compreende um conjunto de fatores e não deve ser avaliado por apenas um deles. Assim, quanto ao caráter pessoal proposto também por este autor, que consiste nas funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade), só pude perceber o divertimento, faltando então as outras duas funções. Outro ponto que não foi levantado pelos professores, foi a possibilidade de educar a partir desses momentos de lazer nos treinamentos, conforme foi apontado pelos professores. A educação para o lazer também não foi citada, ou seja, não parece muito explícito uma prática de handebol em equipes esportivas como oportunidade para o incentivo e ampliação do conhecimento que contribuiria para a escolha dos momentos de lazer dos alunos. Talvez isso aconteça sem intenção do professor, mas ainda acredito que isso poderia fazer parte dos principais objetivos da atuação dos mesmos nas equipes.

O professor 3 apresentou pontos que ainda são paradigmas dessa discussão da participação nas equipes esportivas ser considerada como um momento de lazer. Os aspectos que ele trás em seus argumentos se referem à relação do sujeito com o tempo livre e com a escolha das atividades. Assim, ele afirma:

> Entretanto, se pensarmos que as sessões de treinamento possuem dias e horários determinados, regras de comportamento e apenas uma pequena possibilidade por parte dos alunos de estabelecerem as atividades realizadas, não podemos pensar esta prática como lazer!!!

Nesse sentido, ainda permanecem as contradições desse debate, uma vez que nos depoimentos encontramos pontos que convergentes e divergentes com as teorias do lazer.

O entendimento sobre a construção da autonomia dos alunos

Uma palavra bastante empregada nas respostas pelos professores nessa questão foi: “decisão”. Para quatro dos seis professores a construção da autonomia ocorre quando os alunos são capazes de tomar decisões e se responsabilizarem por suas escolhas. Em seus argumentos para exemplificar como isso ocorre, percebi diferenças relevantes. Ao tratar desse assunto o

professor 1 relatou seu entendimento sobre autonomia com alguns exemplos práticos como

> O aluno se vê obrigado a se organizar em relação ao tempo, uma vez que precisa se adequar, por exemplo, a ter um tempo diferente para fazer suas tarefas escolares, uma vez que não pode faltar os treinos, chegar atrasado, nem deixar de lado as atividades pedagógicas.O aluno passa a cuidar do seu material de treino e jogo, e sabe que perder ou estragar um material atrapalhará não só a ele.

O professor 5 apresentou também a idéia de que a autonomia é construída desde que "o aluno/atleta tenha a oportunidade de tomar uma decisão, ter uma atitude rápida, seja responsável por suas atitudes". Em seus argumentos utilizou situações baseadas no jogo, ao afirmar que "O próprio ato de fintar, decisão na hora do jogo de mudança de direção, qual a melhor estratégia, tudo isso trabalha a autonomia." Logo a noção de decisão para esse professor está vinculado às situações de jogo.

Esse argumento também esteve presente no questionário do professor 3 que percebe a autonomia quando "cada um tem a liberdade de executar uma ou outra ação dependendo da situação em que ele se encontra durante a partida".

O professor 2 apesar de utilizar o termo "capacidade de decisão", apresentou uma idéia nova em relação aos outros questionários. Ele afirmou que ter autonomia é ser "independente, ser confiante na sua capacidade de construir algo novo, diferente, inovador e muito mais." Essa resposta converge com minha opinião sobre autonomia que se dá pela formação do ser criativo e autor das suas práticas. Kunz (2009) traz em seus estudos essa idéia ao questionar o fato de darmos ainda tanta importância ao movimento que o ser humano realiza a partir da cópia e da imitação. A capacidade de construir algo novo citada pelo professor 2 é confirmada no seguinte trecho: "Porque a vida que pulsa num corpo jovem está em constante busca de vivências e experiências significativas, o que quer dizer *criação*" (KUNZ,2009, p. 183.). Ressalto também o significado do termo criatividade:

> "é a capacidade de dar existência a algo, ou, então, de estabelecer relações ainda não concebidas, inventar ou descobrir algo novo, ainda não conhecido. Este novo pode também se referir a um novo significado, um novo valor a algo já conhecido" (Kunz, 2009, p. 181).

Outro aspecto interessante sobre a autonomia me chamou a atenção na resposta do professor 3, quando ele assume a responsabilidade como técnico/professor de desenvolver a autonomia nos alunos “para tentarem ser menos dependentes de nós tanto nos treinos e jogos quanto dos pais em suas vidas”. Acredito que trabalhar nessa perspectiva seja essencial para a busca cada vez mais humanizada do ensino dos esportes na escola.

Percebe-se que apesar do mesmo termo ter sido utilizado por 4 professores para explicar o conceito de autonomia, constatei que há uma diferença enorme quando os professores traduzem em práticas, no seu dia-a-dia dos treinamentos.

Outros apontamentos dos professores

Ao final dos questionários separei um espaço para comentários dos professores. Considero essa abertura importante, pois, os professores puderam expressar o que estavam pensando no momento de colaboração com a pesquisa. O professor 1 escreveu uma reflexão sobre a importância de manter abertas as discussões sobre o tema, bem como as relações humanas, as formas de organização, pautada na construção de valores e com foco no ser em formação. Enfatizou ainda que a responsabilidade de trabalhar esses aspectos é dos educadores e treinadores. Ao final dos seus comentários, ele concluiu com uma síntese “Não vamos tratar o esporte na escola como vilão! Nem como um herói! Mas como um importante meio de educar para a vida!”.

O professor 5 sugeriu em seus comentários alguns pontos para serem discutidos além dos que foram apresentados no estudo, como pesquisar se há bolsistas ou não para a formação das equipes e se existe iniciação e em que idade isso ocorre nas escolas. Parece que esses são pontos pertinentes para conhecermos as realidades dos diferentes trabalhos com equipes esportivas.

Dois professores relataram a insatisfação com o esporte brasileiro e especificamente o de Belo Horizonte. Enquanto o professor 4 afirmou que é necessário maior incentivo do esporte no Brasil, no que diz respeito à organização e elaboração de políticas públicas adequadas, o professor 6 apontou que “o que precisa para melhorar o esporte em Belo Horizonte é apoio

e diminuição dos custos para a participação de mais pessoas nos eventos esportivos". Esses argumentos me fazem pensar que a realidade das equipes esportivas em algumas escolas ainda é bem precária e que faltam incentivos por parte do governo para que essas organizações nas escolas possam crescer e aumentar em número e qualidade.

Considerações Finais

Gostaria de agradecer os seis professores que contribuíram com minha pesquisa. Os questionários foram essenciais para minhas reflexões, pois foram as respostas e os detalhes que permitiram a riqueza de questões levantadas e discutidas neste trabalho.

Esse estudo proporcionou maior compreensão sobre a visão de alguns professores que trabalham com equipes de handebol nas escolas e provocou pensar em novas maneiras de utilizar esse fenômeno para a educação dos alunos.

Sobre minhas indagações presentes no início desse estudo, farei alguns apontamentos sobre as reflexões desenvolvidas durante a pesquisa. Acredito na proposta das equipes trabalharem em parceria com a Educação Física porque as reconheço como espaços que também precisam perceber o esporte como uma construção cultural capaz de ser tematizada, problematizada e vivenciada. Como exemplo, penso que determinados problemas atitudinais de um atleta nas aulas de Educação Física podem ser compartilhados com os professores das equipes para que haja uma trabalho coletivo e uma ajuda mútua. Além disso, se o professor de Educação Física reconhece a importância da equipe na escola, ele pode incentivar os atletas a ensinar aos alunos nas aulas de Educação Física algo que aprenderam no treino, essa é uma maneira de não excluir os mais habilidosos por causa da equipe e nem os menos habilidosos na turma. Essa idéia de um trabalho conjunto não pode ser confundida com algumas situações, por exemplo: quando o professor utiliza da aula de Educação Física para treinar a equipe quando grande parte dos seus alunos são também atletas. Nesse caso, perde-se de vista o porquê de se complementarem, ou seja, abandona-se o princípio de intervenção que

tematiza elementos da cultura de movimento, a partir de um entendimento amplo do fenômeno esportivo, que vai além do saber-fazer.

Quanto à formação dos alunos e a construção da autonomia dos mesmos, percebo que é necessário avançar nos argumentos de que as equipes esportivas são espaços que permitem a construção de valores, pois nos relatos constatei uma dificuldade de encontrar repostas que os alunos envolvidos com handebol fossem ressaltados. Isso me parece revelar o quanto ainda está enraizado a concepção de um ensino onde o professor detém o conhecimento e transmite o mesmo nos treinamentos. A ênfase na construção das práticas cotidianas do handebol com os sujeitos, não foi expressa por nenhum dos professores participantes desse estudo. Penso que é preciso repensar essas práticas, porque elas podem auxiliar a escola na responsabilidade de formar e humanizar as relações dos alunos.

Assim, reflito que seja necessário considerar as equipes esportivas nas escolas não como uma organização em “miniatura” e adaptada do sistema esportivo do alto rendimento e sim como um espaço de possibilidade para uma intervenção pedagógica transformadora que se indague o tempo todo não mais o que é bom para o esporte, mas como ele pode ser positivo para os alunos.

Conhecer essa realidade plural e complexa parece um pré-requisito para que novos debates e estudos aprofundados no cotidiano das equipes esportivas sejam realizados a fim de que esses espaços sejam questionados e possivelmente modificados.

É importante ressaltar a partir das respostas a riqueza de experiências que a participação nas equipes esportivas pode proporcionar aos alunos como integração entre os alunos da equipe, atletas de outras escolas, viagens, competições e até mesmo aproximação com os pais.

Nessa pesquisa, não tive a pretensão de trazer soluções para os problemas do esporte na escola, mas espero ter despertado algumas maneiras diferentes de perceber esse fenômeno como instrumento rico de educação dos alunos.

IV Apêndice

Apêndice I- Levantamento das escolas que participaram de alguma competição organizada pela FEEMG nos últimos 10 anos.

Ano	Copa Escolar	JEBH	Campeonato Metropolitano
2000	A competição foi organizada pela Federação Mineira de Handebol.	Organizada pela prefeitura.	Não existia essa competição.
2001	A competição foi organizada pela Federação Mineira de Handebol.	Organizada pela prefeitura.	Não existia essa competição.
2002	A competição foi organizada pela Federação Mineira de Handebol.	Organizada pela prefeitura.	Não existia essa competição.
2003	A competição foi organizada pela Federação Mineira de Handebol.	Organizada pela prefeitura.	Não existia essa competição.
2004	A competição foi organizada pela Federação Mineira de Handebol.	**Chancela assumida pela FEEMG.** - Col. Batista Mineiro - Col. Magnum Cidade Nova - Col. Marista Dom Silvério - Col. Santo Agostinho BH - Col. Nossa Senhora das Dores - Col. Santa Dorotéia - Col. Loyola - Col. Tiradentes - Escola Estadual Sagrada Família - Escola Municipal Wladimir de Paula Gomes - Escola Municipal Secretário Humberto Almeida - Escola Governador Milton Campos	Não existia essa competição.
2005	-Col. Frei Orlando -Col. Magnum Buritis -Col. Batista Mineiro - Col. Magnum Cidade Nova - Col. Marista Dom Silvério - Col. Santo Agostinho BH - Col. Nossa Senhora das Dores - Col. Santa Dorotéia - Col. Loyola - Col. Tiradentes - Escola Estadual Sagrada Família - Escola Municipal Wladimir de Paula Gomes - Escola Municipal Secretário Humberto Almeida - Escola Governador Milton Campos - Col. Arnaldo		Não existia essa competição.
2006	- Instituto Sagrada Família - Col. São Francisco de Assis ---------- Col. Batista Mineiro - Col. Magnum Cidade Nova - Col. Marista Dom Silvério - Col. Santo Agostinho BH - Col. Nossa Senhora das Dores - Col. Santa Dorotéia - Col. Loyola - Col. Tiradentes - Escola Estadual Sagrada Família - Escola Municipal Wladimir d e Paula Gomes - Escola Municipal Secretário Humberto Almeida - Escola Governador Milton Campos - Col. Arnaldo	- Col. Militar - Col. Magnum-Buritis	Não existia essa competição.
2007	- Col. Novos Tempo - Col. Batista Mineiro de Betim - Instituto Educacional - Nova Canaã ---------- Col. Batista Mineiro - Col. Magnum Cidade Nova		Não existia essa competição.

	- Col. Marista Dom Silvério - Col. Santo Agostinho BH - Col. Nossa Senhora das Dores - Col. Santa Dorotéia - Col. Loyola - Col. Tiradentes - Escola Estadual Sagrada Família - Escola Municipal Wladimir d e Paula Gomes - Escola Municipal Secretário Humberto Almeida - Escola Governador Milton Campos - Col. Arnaldo		
2008	Fim da Competição.	- Coleguium	**Além das equipes que disputavam a Copa escolar entraram mais essas:** **Só podem participar do Metropolitano as escolas filiadas a FEEMG** - Col. Monte Calvário - Col. Santo Agostinho Nova Lima - Col. Novos Tempos - Col. Batista Mineiro de Betim - Sagrado Coração de Maria - Coleguium
2009	Fim da Competição.		
2010	Fim da Competição.		- Col. Santo Agostinho Contagem - Col. Tiradentes - Coleguium - Colégio Magnum Cidade Nova - Col. Santo Agostinho Nova Lima - SESI-Alvimar Carneiro de Resende - Col. Magnum Buritis - Col. Santo Agostinho BH - Col. Arnaldo

Apêndice II – Carta- Convite

UFMG – EEFFTO – Curso de Educação Física
Belo Horizonte, 02 maio de 2011.

CARTA-CONVITE

Prezado(a) Professor(a);

Venho por meio desta convidá-lo(a) a participar como sujeito na pesquisa: ***"Formação de alunos? Formação de atletas? A visão de professores sobre a prática do handebol fora das aulas de Educação Física",*** no projeto de Monografia de Conclusão de Curso, e orientada pela professora Drª. Meily Assbú Linhales. O interesse por esse estudo acompanha todo o percurso relacionado ao esporte, desde minha experiência como atleta até uma análise dos estágios que tenho realizado: docência em EF, treinamento de handebol e gestão esportiva.

Diversos estudos têm se dedicado a discutir questões relativas ao esporte praticado fora das aulas de Educação Física e seus desdobramentos na formação dos alunos. Ao pensar na mudança dos sujeitos a partir do esporte podemos refletir sobre o professor e as relações que o mesmo estabelece com os alunos, o handebol, a escola e toda a estrutura de organização dessa prática.

Assim, esse trabalho propõe conhecer e analisar – sob a perspectiva dos professores de handebol feminino, em equipes entre 14 e 16 anos – as relações presentes no esporte praticado fora das aulas de Educação Física em algumas escolas de Belo Horizonte.

O recorte estabelecido para a amostra inclui professores de handebol que competiram pela Federação de Esportes Estudantis de Minas Gerais – FEEMG, nos últimos 10 anos. Acreditamos que o mesmo possibilitará a identificação do perfil do profissional que trabalha com o handebol escolar e da percepção que o mesmo possui sobre o trabalho que realiza na escola.

Nesse sentido, venho consultar sobre vossa disponibilidade para conceder-me o preenchimento de um questionário sobre as questões brevemente apresentadas nessa carta-convite. Está previsto no plano de pesquisa, o preenchimento do questionário em aproximadamente trinta minutos. Existe também a possibilidade de uma entrevista, em um segundo momento. Esclareço ainda que, adotarei a estratégia metodológica de preservação do anonimato dos sujeitos e, assim sendo, a cada questionário será atribuído um código identificador para posterior elaboração das categorias de análise e problematização dos dados obtidos.

Agradeço desde já vossa atenção. Espero que possa contribuir com esta pesquisa.

Cordialmente,

Poliana Ribeiro Bretas

Apêndice III - Questionário aplicado aos professores de Handebol

Questionário

Este estudo busca compreender questões relativas ao esporte escolar. Para melhor análise dos dados peço por gentileza que as questões sejam comentadas com o máximo de detalhes.
Caso você considere o espaço disponível para resposta insuficiente utilize o verso da folha.
Desde já agradecemos a colaboração.
Instituição que trabalha com treinamento de equipe esportiva:_____
Licenciado (a) em Educação Física: ( ) Sim – Ano de Formatura:_____
- Instituição:_____
( ) Não - Especifique outra formação :_____
Você atua na Educação Básica? ( ) Sim ( ) Não
Há quanto tempo você atua no ensino da Educação Física na Educação Básica?_____
Comente sobre essa trajetória:

E nas equipes esportivas ?_____
Comente sobre essa trajetória:

Com base na experiência com o treinamento de handebol, comente a sua percepção sobre a presença e organização de equipes esportivas nas escolas.

Você percebe aproximações e/ou distanciamentos entre o esporte nas equipes e as aulas de Educação Física na instituição em que trabalha? Com base no cotidiano da sua prática comente sobre o tema.

A formação humana dos alunos/atletas é prioridade na sua atuação? Caso tenha respondido sim, relate com exemplos de que forma você identifica essa preocupação no dia-a-dia do seu trabalho. Se a resposta for não, explique qual a sua visão sobre o assunto.

Para fazer parte de equipes em algumas escolas, os alunos/atletas passam por um processo de seleção. Se isso ocorre na escola onde trabalha, seria muito importante que você explicitasse como isso ocorre e como os alunos reagem à seletiva.

E você? Como lida com tais processos seletivos?

Como você percebe a especialização de atletas nas equipes esportivas? Como esse tema interfere no seu trabalho.

Você considera a prática de handebol em equipes esportivas escolares como uma possibilidade de lazer para os alunos? Em caso positivo, demonstre o que faz você acreditar nisso. Em caso negativo: por que não?

Alguns estudiosos afirmam que existe uma relação entre a prática esportiva e a construção da autonomia dos alunos/atletas. Você concorda com essa afirmação? Ao comentar a sua resposta seria importante que explicitasse o que você entende por autonomia.

Sobre os temas abordados neste questionário você teria algo mais a acrescentar?

Referências

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRACHT, V. **Esporte na escola e esporte de rendimento.** *Revista Movimento* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 06, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000.

GOMES, C.L. **Lazer-Concepções. Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica,2004, p.119-126.

GOMES, C.L. **Lazer- Educação. Dicionário Crítico do Lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.126-133.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.

KUNZ. E. **Percepção, sensibilidade e intuição para as possibilidades criativas no esporte: complementos atualizados para nova publicação.** In: Esporte de rendimento e Esporte na escola. Campinas, SP: Autores Associados, 2009 p. 179-188.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.**São Paulo: EPU,1986.

MARCELLINO, N.C. **O duplo aspecto educativo educativo do lazer.In: Lazer e Educação.** Campinas:SP- 3° Edição Papirus; 1995, p.57-93.

MATTOS, M.G; JÚNIOR, A.J.R.; BLECHER, S**. Metodologia da Pesquisa em Educação Física: Constuindo sua monografia, artigos e projetos.** São Paulo: Phorte,2008.

MELLO,V.A.; ALVES.J.; EDMUNDO. D. **Introdução ao Lazer.** Baruari:Mandiú,2003.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E.R. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** In: *Revista Saúde Pública*.São Paulo:FAPESP,1995,p.321.

REZER, R. (org). **O fenômeno esportivo: ponderações acerca das contradições do paradigma da "iniciação".** In: O fenômeno esportivo: ensaios críticos-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006, p.145-177.

TAFFAREL, C.N.Z. **Desporto Educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas.** In: Esporte de rendimento e Esporte na escola. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p. 71-10.